

## RUA AMADOR FLORENCE

Deliberação da Câmara de 31-08-1927

Edital de 12-09-1927

Lei nº 361 de 15-07-1950, Artigo 3º

Formada pela rua 2 da Vila Sagrado Coração de Je-  
sús

Início na rua Salustiano Penteado

Término na rua Salustiano Penteado

Botafogo

Obs.: O Edital foi assinado pelo Vice-Prefeito Mu-  
nicipal de Campinas, em Exercício, Celso da Silveira Rezende. A lei  
foi promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas Miguel Vicente Cur-

## AMADOR FLORENCE

Amador Bueno Machado Florence nasceu em Campinas em 18-maio-1831 e faleceu em Campinas em 12-outubro-1894. Era filho das primeiras núpcias de Antoine Hercule Romuald Florence com Maria Angélica Alvares Machado Vasconcellos Florence e foi casado com sua prima-irmã Maria Angélica de Vasconcellos, com quem teve sete filhos, todos campineiros. Seu nome foi uma homenagem que seu pai quiz prestar ao sogro Álvares Machado, descendente direto de Amador Bueno, o Aclamado. Desde a infância acumulou respeitáveis conhecimentos no constante e direto contato com o pai e o avô. Passou a adolescência na Fazenda Soledade, neste município, ingressando mais tarde na Faculdade de Direito de São Paulo, onde não completou o curso, frequentando só até o 2º ano. Retornando à Campinas, sendo intelectual de superior cultura, aqui reuniu-se com o grupo que fundou o Colégio "Culto à Ciência", onde lecionou latim, francês e desenho, chegando mesmo a ocupar o cargo de diretor entre os anos de 1884 a 1886. Apaixonado pelas ciências, aprofundou-se em vários estudos, havendo trocado correspondência sobre Astronomia com o Imperador D. Pedro II, que lhe estendera a amizade que mantinha com seu pai e seu avô. Não obstante a essas ligações, aderiu às correntes que apoiavam o Partido Liberal e que preconizavam a abolição da escravatura e a eliminação do regime monárquico. Foi em Campinas um dos primeiros estruturadores do Partido Republicano e, sob essa legenda, elegeu-se vereador à Câmara Municipal de Campinas, da qual foi presidente, e nesse cargo, recepcionou o Imperador Pedro II, quando de sua visita à nossa cidade, em outubro de 1886. Foi ainda como presidente da Câmara que determinou o plantio das palmeiras imperiais que ornamentam o Jardim Carlos Gomes, idéia sugerida pelo vereador Manoel Francisco Mendes.

## Dispõe sobre a denominação de diversos logradouros

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Rua Erasmo Braga (Ato n.º 48, de 22-3-1933), também o prolongamento dessa via pública, além da praça circular situada no fim da Rua Rafael Sales, indo terminar na Rua Germânia, entre a Rua Itália e o prolongamento da Avenida Andrade Neves.

Artigo 2.º — Fica denominada Avenida Brasil (Edital de 12-10-1932), também o prolongamento dessa via pública, além da ponte da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, passando pelas divisas do Jardim Guanabara e Jardim Chapadão, em direção à estrada dos Amarais.

Artigo 3.º — Em virtude da modificação do traçado na 3.ª Travessa da Avenida São Paulo, fica denominada Rua Amador Florence e via pública que inicia e termina do lado par da Rua Salustiano Pentecostado — entre as Ruas Otávio Mendes e Cesário Mota.

Artigo 4.º — Fica denominada Rua Sampaio Ferraz (Edital de 12-9-1927), também o trecho dessa via pública, que inicia na Rua Dr. Vieira Bueno, até a Rua Coronel Quirino.

Artigo 5.º — Fica denominada Avenida Júlio de Mesquita, o prolongamento dessa via pública, a partir da Rua Benjamin Constant até a Rua Dr. Moraes Sales, entre a Rua Itú e Antônio Cesarino.

Parágrafo único — Fica revogado o Edital de 12-9-1927, que denominava de Rua Augusto Cezar, o trecho de via pública citado no artigo 5.º.

Artigo 6.º — Fica denominada Rua Barão de Pirapitingui (Ato 25 de 29-6-1931), também o prolongamento dessa via pública, além da Rua Sales de Oliveira, através da Vila Segalho, indo terminar na Rua Dr. Carlos de Campos.

Artigo 7.º — Fica denominada Rua Francisco de Assis Pupo (Decreto 311 de 13-11-1945), também o trecho dessa via pública, aquém do córrego, na Rua 2 da Vila Ângela, onde a mesma terá início.

Artigo 8.º — Fica denominada Rua General Lauro Sodré (Decreto 311 de 13-11-1945), também o trecho dessa via pública, aquém do córrego, no prolongamento da Rua Francisco de Assis Pupo.

Artigo 9.º — Fica denominada Rua Oliveira Cardoso (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Chapadão, indo terminar no Castelo D'água, entre o prolongamento da Avenida Andrade Neves e a Avenida I, deste último arruamento.

Artigo 10.º — Fica denominada Rua Alferes João José (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Chapadão, indo terminar na Avenida B, entre a Praça 3 e travessa B, tudo do Jardim Chapadão.

Artigo 11.º — Fica denominada Rua Álvares Lima (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Chapadão, indo terminar na Avenida B, entre as Travessas A e B, tudo do Jardim Chapadão.

Artigo 12.º — Fica denominada Rua D. Rosa de Gusmão (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Chapadão, indo terminar na Avenida B, entre a Travessa A e Rua 11.

Artigo 13.º — Fica denominada Rua Barbosa de Andrade (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Chapadão, indo terminar no prolongamento da Avenida Andrade Neves, entre as Ruas Circulares 1 e 2.

Artigo 14.º — Fica denominada Rua Gonçalves Cezar (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Brasil, indo terminar na Rua 1, junto à Estrada de Ferro Sorocabana.

Artigo 15.º — Fica denominada Rua Camargo Pimentel (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela Rua do Jardim Brasil, indo terminar na Rua 1, junto à Estrada de Ferro Sorocabana.

Artigo 16.º — Fica denominada Rua Frei Antônio de Pádua (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela rua do Jardim Brasil, indo terminar na Rua D. Pedro I.

Artigo 17.º — Fica denominada Rua Frei Manuel da Ressurreição (Edital de 27-5-1929), também o prolongamento dessa via pública, que prossegue pela Rua do Jardim Brasil, indo terminar na Rua Imperatriz Leopoldina, junto à Estrada de Ferro Sorocabana.

Artigo 18.º — Fica denominada Augusto Cezar, a Praça que fica junto ao Córrego Freança, no Bairro da Nova Campinas e que é atravessado pela Rua Dr. Carlos Stevens, a parte edificada e a que não possui casas ainda.

Artigo 19.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 15 de julho de 1950.

MIGUEL VICENTE CURY  
Prefeito Municipal

Publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 15 de julho de 1950.

O Diretor,  
ADMAR MAIA



## Denominações de ruas

Dr. Celso da Silveira Rezende, Vice-Prefeito Municipal de Campinas, em exercício, etc.

Faço publico, pelo presente, que, em virtude de deliberação da Câmara, em sessão de 31 do mez findo, e de accordo com o art. 7.º da Lei n. 87, de 1902, as vias publicas abaixo mencionadas ficam d'ora avante assim denominadas:

AVENIDA JULIO MESQUITA, a parte larga da rua Augusto Cezar, comprehendida entre a rua Benjamin Constant e a Santa Cruz. (sob. n. 1, planta da Prefeitura); — RUA DR. QUILHERME DA SILVA, a rua que passa pelo canto do terreno do Bispado, chamada pelo vulgo de *Afferes Raymond*. (sob n. 2, planta da Prefeitura); TRAVESSA IRMÃOS BIERRENBACH, a rua que vae da rua Augusto Cezar á Praça 15 de Novembro. (sob n. 3, planta da Prefeitura); RUA PAULA BUENO, (Commendador Francisco de Paula Bueno) antiga estrada do Taquaral, do canal do Saneamento até o alto do Taquaral. (sob n. 5, planta da Prefeitura); RUA BARÃO GERALDO DE REZENDE, a rua denominada José Paulino, que foi bifurcada em duas, na parte que vae da bifurcação em diante, passando pela frente do Stadium do Guarany. A parte nova, continuação em linha recta da José Paulino, conservará este nome em toda a sua extensão. (sob n. 6, planta da Prefeitura); RUA DR. SILVEIRA LOPES, a rua que parte da rua Culto á Sciencia, em frente ao Gynnasio do Estado. (sob n. 7, planta da Prefeitura); RUA MARQUEZ DE TRES RIOS, a rua geralmente conhecida por travessa da Maternidade, que parte da rua Saldanha Maranhão, no Botafogo. (sob n. 8, planta da Prefeitura); RUA DO CAFE, a 1.ª travessa da Avenida São Paulo, no Botafogo. (sob n. 9, planta da Prefeitura); RUA ANTONIO GUIMARÃES (O BAHIA), a 2.ª travessa da Avenida São Paulo, e paralela á precedente (sob o n. 10, planta da Prefeitura); — RUA DR. SALUSTIANO PENTEADO, a rua paralela á Avenida São Paulo, entre esta e os trilhos da Cia. Mogiana, vulgarmente chamada rua *São José*. (sob n. 11, planta da Prefeitura); — RUA AMADOR FLORENCE, a 3.ª travessa da Avenida São Paulo. (sob n. 12, planta da Prefeitura); — RUA DR. CESARIO MOTTA, a 4.ª travessa da Avenida São Paulo, conhecida sob a denominação de rua *Iza*. (sob n. 13, planta da Prefeitura); — RUA DR. RODRIGO OCTAVIO, a 5.ª travessa da Avenida São Paulo, paralela á precedente e conhecida pela denominação de rua *Jandyra*. (sob n. 14, planta da Prefeitura); — AVENIDA DR. WASHINGTON LUIS, a rua que parte da rua Mascarenhas, localizada entre as linhas das Compañias Paulista e Mogiana. (sob n. 15, planta da Prefeitura); — RUA LUIZ GAMA, a paralela á rua Germania, entre esta e os trilhos da Sorocabana. (sob n. 16, planta da Prefeitura); — RUA DR. THEODORO LANGIARDI, a 1.ª paralela á Germania. (sob n. 17, planta da Prefeitura); — RUA SANTAANNA GOMES, a 2.ª paralela á rua do Bomfim. (sob n. 18, planta da Prefeitura); — RUA DR. ARNALDO DE CARVALHO, a rua paralela á precedente. (sob n. 19, planta da Prefeitura); — RUA DR. ALBERTO SARMENTO, a 2.ª paralela á Germania. (sob n. 20, planta da Prefeitura); — RUA RAPHAEL SALLES, a 3.ª paralela á Germania e em seguida á precedente. (sob n. 21, planta da Prefeitura); — RUA JULIO RIBEIRO, a paralela á precedente. (sob n. 22, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM VILLAC, a que sahe da rua do Bomfim, em direcção ao Asylo de Invalidos, denominada *Estrada da Roseira*. (sob n. 23, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO BENTO, a rua na Villa Industrial, paralela á rua Bella Vista, e geralmente conhecida por *Antonio Bento*. (sob n. 24, planta da Prefeitura); RUA DR. CARLOS DE CAMPOS, a rua na Villa Industrial conhecida pelo nome *Bella Vista*. (sob n. 25, planta da Prefeitura); — RUA BENEDICTO OCTAVIO, a rua conhecida pelo nome de *Atherio Dias*, travessa da rua Salles de Oliveira, entre Pereira Lima e Afferes Raymond. (sob n. 26, planta da Prefeitura); — RUA D. MARIA SOARES, a 1.ª travessa da Salles de Oliveira e paralela á Avenida João Jorge. (sob n. 27, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO SARMENTO, a 2.ª travessa paralela á precedente. (sob n. 28, planta da Prefeitura); — RUA OSCAR LEITE, a rua que parte da Estrada Paulista (Ponte Preta), paralela á rua Abolição, em continuação á rua Barão de Jaguará. (sob n. 29, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM NOVAES, a rua que parte da rua Irmã Seraphina, fronteira á Marechal Deodoro. (sob n. 30, planta da Prefeitura); — RUA DR. CARLOS GUIMARÃES, a rua que sahe da rua Major Solon, partindo do canal do Saneamento. (sob n. 4, planta da Prefeitura); — RUA DR. SAMPAIO FERRAZ, a 1.ª rua paralela á rua dos Bandeirantes, tendo inicio na rua Ccl. Quirino. (sob n. 1, planta parcial da Prefeitura); — RUA DR. EMILIO RIBAS, a 2.ª travessa da rua precedente, a partir da rua Maria Monteiro. (sob n. 3, planta parcial da Prefeitura).

E para conhecimento de todos, mandei expedir o presente edital.

Eu, Amilar Alves, secretario da Prefeitura, o escrevi.

Campinas, 12 de Setembro de 1927.

Dr. Celso da Silveira Rezende



# Amador Bueno Machado Florence

Arnaldo Machado Florence

Nasceu em Campinas, a 18 de maio de 1831. Amador Bueno, porque seu pai, Hércules Florence, quis assim homenagear o sogro, Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, que, como se sabe, de Amador Bueno, o Aclamado, descendia em linha reta, neto de sexta geração.

Tratado, na intimidade da família, por Nhonhô, acumulou Amador Bueno Machado Florence, desde a infância, respeitáveis conhecimentos, no constante e direto contacto com quem lhe deu o ser (Antoine Hercule Romuald Florence), também se beneficiando fecundamente do saber de seu avô Alvares Machado.

Passou a adolescência na Fazenda Soledade. A propriedade agrícola, um encanto no seio das gerações que imediatamente se sucederam, nutridas pela imaginação e pelas saudades, não era vasta nem excepcional. Localizava-se no município campineiro, para os lados de Amparo.

Freqüentou, até o segundo ano, a Faculdade de Direito de São Paulo, a Academia do Largo de São Francisco, fonte de fatos e personalidade que tiveram, no século passado e em grande parte do atual, acentuada significação para a História, quer de paulistanos e paulistas, quer da própria existência do País.

Amador Bueno Machado Florence, intelectual de superior cultura, distinguiu-se no conjunto de homens de ciências e letras que vinham para Campinas de meados até praticamente o fim do século anterior. Reuniu-se aos que fundaram o conhecido e tradicional *Colegio Culto à Ciência*, em que por continuados anos lecionou latim, francês e desenho. Dirigiu o estabelecimento, entre 1884 e 1886, quando nele estudara um adolescente que atingiu, depois de adulto, o ápice da projeção, não só no País, mas no mundo inteiro, como Santos Dumont a exemplo de outros dois jovens que o precederam em tão importante casa de ensino, bafejados por celebridades não tão avantajadas, já quando homens feitos, porém nem por isso menos consagradas: Júlio César Ferreira de Mesquita e João Baptista Corrêa Nery. Outros meninos que cursaram o Culto à Ciência e, por conseguinte, foram alunos de Amador Bueno Machado Florence, ali professor desde as aulas inaugurais, alcançaram culminâncias em suas trajetórias, como, por exemplo, Octávio Mendes, mestre de Direito e sobrinho-neto de Antônio Carlos Gomes e, com ele, Antônio de Moraes Barros, seu companheiro de escritório de Advocacia, o de maior renome em São Paulo, bem assim, Cincinato Braga e Bento de Abreu Sampaio Vidal, o primeiro destes ministro nacional de Finanças, situando-se o segundo como homem rural, desbravador de sertões e fundador de Marília.

O primogênito das primeiras núpcias de Hércules Florence, que, como este, se voltara todo para as ciências, aprofundou-se em vários estudos. Com D. Pedro II, que lhe estendera a amizade com a qual lhe distinguira, o avô materno e o próprio genitor, cultivou correspondência assaz interessante sobre Astronomia.

Não obstante as ligações favorecidas por tão longa e duradoura estima em que o soberano envolvera Alvares Machado e seu genro, ligações essas que serviram de base à atração naturalmente exercida, pelo chefe da casa reinante no Brasil, aderiu Amador Bueno Machado Florence, ainda bem moço, às correntes que já preexistiam, até certo ponto escuradas pelo



Partido Liberal, a abolição da escravatura e a eliminação do regime monárquico. Conseqüentemente, em Campinas, figurou Amador Florence, conquanto sem qualquer predominância, como simples soldado, entre os primeiros estruturadores do Partido Republicano.

Filiado a essa agremiação, elegeu-se vereador, escolhido, logo mais, por seus pares, para a presidência da Câmara Municipal. Desempenhava o elevado cargo, quando o também chamado *Rei Sábio* visitou, parece que pela última vez, a bela e culta cidade paulista, então em fase de animador progresso, que lhe garantia invejável realce, mesmo se confrontada com a capital da Província.

Por ocasião dessa visita a Campinas em outubro de 1886, do Imperador D. Pedro II, a Câmara Municipal, de que faziam parte quatro republicanos, compareceu à estação da Paulista, para receber o venerando chefe da Nação, *sem que faltasse um só dos vereadores*.

Por essa ocasião, Amador B. Machado Florence, como cabeça da edilidade, acompanhou D. Pedro II nos diversos percursos, normalmente a pé, para tomada de conhecimento direto de instituições e obras merecedoras do imperial reparo, localizadas em pontos centrais, e isso ensejou constantes passeios pelas principais ruas e praças, sem o mínimo riseo pessoal para o monarca, efetivamente um democrata, um burguês no usual procedimento e nos trajes costumeiros, enfim, nas menores manifestações de sua personalidade, que assim se valiam da geral simpatia do povo em relação ao bondoso príncipe imperante, estado de ânimo que se transformava em segurança de sua majestade.

Metidos nas cômodas sobrecasacas bastante em voga na época, usança prolongada pelos primeiros tempos de nossa existência republicana, ambos de estatura equivalente (Amador Florence media cerca de um metro e noventa centímetros de altura), ambos muito claros, rosados, de olhos azuis e longas barbas brancas, causavam à certa distância, impressão de semelhança tão extrema que muita gente, ao vê-los um ao lado do outro, andando despreocupadamente, chegava a ficar perplexa.

Estando no Culto à Ciência, após lhe serem evidenciadas, alias, em breve espaço de tempo, as condições de adiantamento dos alunos, disse o Imperador ao diretor do educandário:

Tomem conta de seus moços, sr. Amador Florence. Proclamada a

República, é provável que eu venha a ser professor aqui... A última frase pôe manifesto a convicção que D. Pedro II tinha de que seus dias de monarca se aproximavam do fim.

Discursava compassadamente. O timbre firme e viril da voz levava-a aos ouvidos de todos mesmo os mais distantes. Ao discursar em atos públicos, em solenidades ou simplesmente em reuniões festejadoras de acontecimentos adistritos a ambientes despreziosos ou descontraídos, em rodas de amigos ou casas de parentes, Amador Florence costumava emitir conceitos de peso, construídos com elegância e naturalidade as suas frases, que calavam na alma dos ouvintes, pela adequação das expressões.

Durante o período em que presidiu a Câmara Campineira, Amador Bueno Machado Florence mandou plantar na praça atualmente denominada Carlos Gomes, as palmeiras imperiais que a ornamentam, o jardim da praça Carlos Gomes um dos pontos atraentes desta terra e desse logradouro público realizado pelo então prefeito dr. Heitor Penteado, quando em 1883 a Câmara resolveu melhorar a praça Carlos Gomes, conforme a idéia sugerida pelo vereador sr. Manoel Francisco Mendes.

Acometido de grave e subitamente indisposição, teve imediatamente diante do leito os mais devotados entre os que a ele se prendiam por sólida afeição, fora do convívio doméstico, familiar ou de parentesco. Lá se via o último discípulo, padre João Nery, que acabou por glorificar o episcopado brasileiro. Chamado com urgência o sacerdote, que morava defronte à residência do moribundo, ouviu-o, em confissão na presença de todos os filhos, pois esboçando estes, à entrada do ministro da religião, o gesto significativo de que iam retirar-se do aposento, o pai deteve-os com um sinal e, volvendo-se para o confessor, disse apenas o que lhe ditou a serenidade do espírito: — Padre Nery. Reconheço-me pecador, mas em minha vida não aconteceu absolutamente nada que me envergonhe ante meus filhos, que assim podem, perfeitamente, ouvir minha confissão.

Possuído desse ânimo tão edificante, morreu o primeiro Amador Bueno Machado Florence, homem fundamentalmente bom, que assim não desmereceu da linha de ininterrupta grandeza de espírito em que vivera, independentemente na vida pública, afetuoso e cordato por indole, mas, embora sempre contido, intrepido quando preciso.

Ao falecer em Campinas, na morada de seu primogênito dr. Paulo Machado Florence, a 12 de outubro de 1894, não contava 64 anos de idade.

Amador Bueno Machado Florence era filho de Hércules Florence e de dona Maria Angélica Alvares Machado Vasconcellos Florence, sendo seus avós paternos Arnaud Florence, natural de Toulouse, e de Augustine de Vignaly Florence, ele cirurgião dos exércitos bonapartistas e ela, segundo Estevan Leão Bourroul, provinda de nobre ascendência. Teve Amador como avô materno Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, cirurgião-mor, comendador do Império, parlamentar na Câmara dos Deputados do Império, campeão da maioridade de D. Pedro II. Foi sua avó materna dona Cândida Maria de Vasconcellos Barros, de tradicional família ituana.

Casou-se Amador Bueno Machado Florence com sua prima-irmã Maria Angélica de Vasconcellos, filha de Joaquim Ignácio Alvares Machado e Vasconcellos, e Ana Blandina Leite de Barros Machado. De seu casamento nasceram 7 filhos, todos com pueros como os pais.

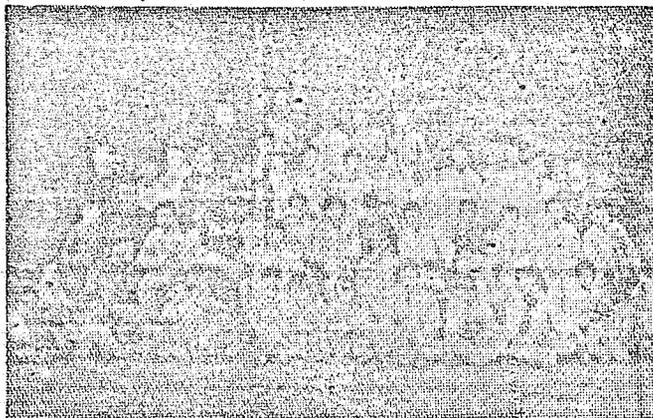


(Do "CORREIO POPULAR" de 14-10-1984)



Correio Popular - Domingo, 18 de Abril de 1971

## Um campineiro na história de Pinhal



Pinhal comemora neste mês — dia 20 — o centenário de nascimento do insigne paulista Amador Bueno Machado Florence.

Descendente em linha reta de Amador Bueno "O Aclamado", era filho de Amador Bueno e de d. Maria Angélica de Vasconcelos Florence. Seu genitor, Amador Buenos Machado Florence, "O velho", foi fundador e diretor do Colégio "Culto à Ciência", sob cujo teto estudaram, entre outras figuras exponenciais, Júlio de Mesquita, Abelardo Cerqueira Cesar, Sampaio Vidal, Bento Bueno e Santos Dumont. Na foto que publicamos, podem ser distinguidos o diretor do estabelecimento acima mencionado, "o velho", que se acha na última fila, de barbas brancas e Santos Dumont, o primeiro à direita, levemente inclinado, entre os que se acham sentados.

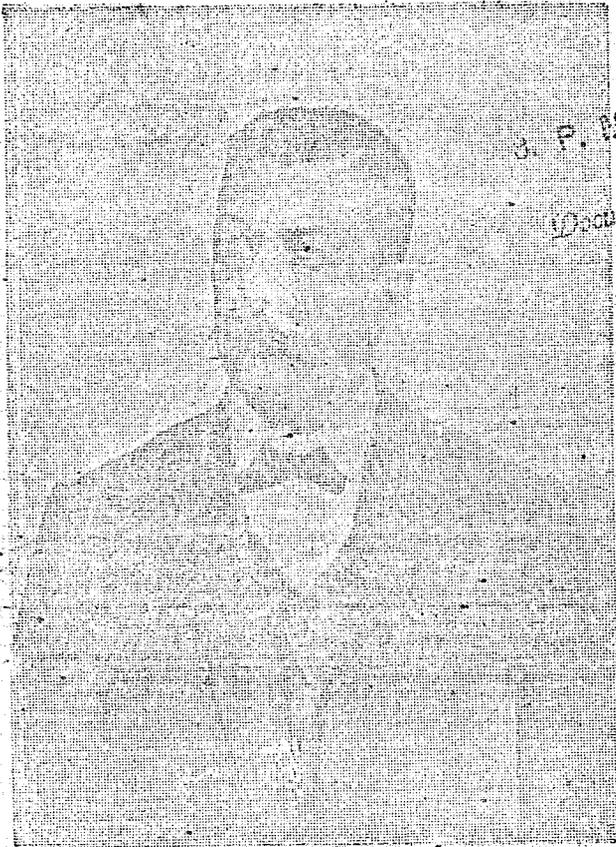
Amador Florence ainda muito jovem, isto pelos idos de 1887, transferiu-se para Pinhal, onde formou uma das primeiras fazendas de café. Exerceu na cidade em tela destacada presença, não apenas como agricultor, mas como cidadão prestante, tendo tido brilhante atuação política naquela época. Foi um dos primeiros campineiros a escolher Pinhal por morada, no que foi acompanhado por seu primo Alberto Florense, seus irmãos Paulo (o primeiro juiz togado da cidade), Arnaldo; os irmãos Eduardo e José Olímpio Teixeira, o barão de Ataliba Nogueira; o barão de Ibitinga; Fernão Pompeu, Franco de Andrade e o arquiteto Henrique Florence, construtor do primeiro Grupo Escolar de Pinhal e de suas duas primeiras igrejas. Posteriormente, juntamente com Júlio de Mesquita, Emilio Gerin, João Baptista Ferraz, Antão de Paula Souza, os Pompeu do Amaral, os Krug e Emilio Decourt, todos campineiros, adquiriram fazendas em Jacutinga, Minas, a fim de ali introduzir criação de gado de raça.

Nascido em Campinas a 20 de abril de 1871, faleceu em Pinhal a 25 de fevereiro de 1934.

*Cam*

CORREIO POPULAR 18 DE ABRIL DE 1976 -

## 105.º aniversário do nascimento do campineiro Machado Florence



J. P. M. Prof. E. M. Zink  
Campinas  
Documentário de Campinas

### Machado Florence

Falando ao "CORREIO POPULAR", o dr. Arnaldo D'Avila Florence, filho do homenageado, nos forneceu alguns dados valiosos sobre a figura ilustre do seu pai, que nasceu em Campinas, filho de outro de igual nome e de d. Maria Angélica de Vasconcelos Florence, das mesmas origens do esposo, pois que dele era prima irmã, aqui falecida em 1890, situando o seu túmulo entre os mais antigos do cemitério da Saudade.

Amador Bueno Machado Florence cursou o Ginásio "Culto à Ciência", teve atuação destacada na vida política da cidade, como presidente da Câmara, como prefeito foi diretor daquele colégio, teve a iniciativa de plantar as palmeiras imperiais do atual "Jardim Carlos Gomes" foi criador progressista e realizador e quando da passagem do seu centenário, sua memória foi cultuada pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Instituto Genealógico Brasileiro e estendeu suas atividades até Pinhal, contribuindo muito para o progresso dessa cidade.

Durante seu tempo no Ginásio Culto à Ciência foi contemporâneo de Santos Dumont, em 1844, Julio de Mesquita, Abelardo Cerqueira Cesar e outros que se projetaram em várias áreas.

Expressivas festividades serão realizadas em Pinhal, para assinalar, no próximo dia 20, o 105.º aniversário de nascimento de um homem que evoca toda uma geração de campineiros e pinhalenses Amador Bueno Machado Florence, descendente em linha

reta de Amador Bueno, o "homem que não quis ser rei dos paulistas", episódio histórico dos mais interessantes, contado por diversos historiadores e que deu margem a um excelente desenho de Belmonte.

Cam